

Autoficção em Blogs: apontamentos

Autofiction on Blogs: notes

Bruno Lima Oliveira (UERJ/FAPERJ)

Resumo

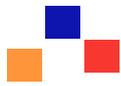
É crescente o número de publicações em primeira pessoa que imiscuem autor e personagem. Tal demanda parece indicar um novo modo de labor literário que carece de maior e melhor investigação, de maneira a conceituar, a contento, o narrador e a subjetividade presentes em nossa prosa de ficção. Neste ensaio, ainda sob a forma de um *work in progress*, apontarei algumas hipóteses e direcionamentos para uma problematização da teoria da narração de Walter Benjamin para cá, visando inaugurar uma nova tipologia de narrador e suas formas de subjetivação, a fim de repensar o cânone vigente. Dois blogs de uma mesma autora, ainda fora do circuito literário canônico, foram escolhidos para exemplificar algumas das hipóteses apresentadas e subverter o que se entende por literatura nos dias de hoje.

Palavras-Chave: narrador, autor, blog

Abstract

The literature of this century has an increasing number of publications which blend author and character. Such demand needs a wider and better investigation about this new literary labour, in order to better understand the narrator and the subjectiveness of our the fiction prose. In this essay, still a work in progress, i will present some hypotheses and directions to discuss the narrative theory since Walter Benjamin, aiming to open a new typology of the narrator, and its subjectiveness procedures, as well as rethink the current canon. Two blogs by the same author, still outside the canonical literary circle, were chosen to exemplify some of the hypotheses presented and to subvert what is understandable as literature nowadays.

Keywords: narrator, author, blog



Introdução

A literatura brasileira deste início de século apresenta, em meio à heterogeneidade de estilos, temas e estéticas, um ponto comum que merece um estudo mais sistemático. Muitos são os autores brasileiros que se dedicam à autoficção, escrevendo textos híbridos nos quais os limites entre realidade, autobiografia e ficção tornam-se indecíveis.

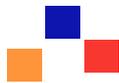
A autoficção surgiu em 1977, quando o romancista francês Serge Doubrovsky, para suprir a *caixa vazia* do pacto autobiográfico proposto por Philippe Lejeune (2008), escreveu *Fils*, romance em primeira pessoa cujo narrador também se chama Serge Doubrovsky. Para Lejeune, um texto que apresentasse concordância onomástica entre narrador, personagem e autor seria, necessariamente, uma autobiografia, pois afirmava desconhecer algum exemplo de narrativa ficcional que apresentasse coincidência de nome tripartite. Com *Fils*, Doubrovsky provou ser possível ficcionalizar-se, problematizando os conceitos outrora estanques de ficção e realidade.

Ao utilizar-se como personagem autoficcional, o escritor contemporâneo revê não apenas a forma de labor literário, mas exige que a crítica especializada reformule os critérios até então norteadores da leitura ficcional. A primeira e mais óbvia alteração na maneira de compreensão da literatura deste século é o retorno do autor. Hoje, o escritor não está presente *apenas* no texto literário, como personagem de si mesmo, mas também participa de programas de televisão, de redes sociais, de lançamentos de livros, de feiras literárias, de congressos e palestras em universidades etc. Desse modo, seu público o reconhece como uma *personalidade* e não é mais possível falar de sua morte, visto que o autor, agora, torna-se *visível* extra e literariamente. O próprio Roland Barthes (1988, p.66) reconhecia a presença do autor

nos manuais de história literária, nas biografias de escritores, nas entrevistas dos periódicos, e na própria consciência dos literatos, ciosos por juntar, graças ao seu diário íntimo, a pessoa e a obra.

Ainda que alheio ao texto, o autor se presentificava através do fetiche de seus leitores, como já bem apontou Ana Cláudia Viegas (2007) na rediscussão do Estruturalismo. A pesquisadora lembra-nos de que nós, leitores, nunca nos convencemos inteiramente da morte do autor, ansiando por sua presença física e desejando contato com provas materiais de sua existência, como máquinas de escrever, livros, objetos pessoais, fotos, correspondências trocadas sobre seu processo criativo, exemplares autografados etc.

Nas autoficções, o retorno do autor vem a reboque do retorno do real, como já anotou Hal Foster (1996). É a partir da vivência empírica que o escritor constrói a sua narrativa. Todavia, é impossível para o leitor saber se são verdadeiras ou não as aventuras do narrador e se elas são factualmente associadas ao autor. Para Lejeune (2008), em seu pacto autobiográfico, o que é dito na autobiografia é *verdade* não porque realmente aconteceu, mas tão-somente porque o autobiógrafo assim o define, ou seja, cria-se um pacto entre



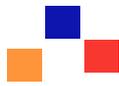
autor e leitor que norteará a leitura como factual. Na autoficção, por outro lado, o pacto de Lejeune torna-se improficuo. Luciene Azevedo (2007, p.48) sugere, como alternativa e suplemento à teoria do estudioso francês, o pacto autoficcional, que “pressupõe sempre a ambiguidade da referência, a sutileza da imbricação entre vida e obra, um leitor sempre em falso, driblado pela desestabilização de uma escrita de si em outros”. Por mais que o autor, no universo (auto)ficcional, *reproduza* a realidade, esta agora está em suspenso; ela passa a ser uma realidade outra, nem apenas referencial, autobiográfica, factual, muito menos estritamente ficcional. O leitor dessa nova modalidade textual é incapaz de distinguir até onde vai a ficção e até onde fica a *realidade*.

Os textos híbridos da literatura brasileira do século XXI poderiam ser acusados de *baixa literatura* justamente por sua referencialidade. Do mesmo modo que as crônicas foram consideradas por muitos como um gênero menor, os blogs deste século, em virtude de seu aspecto referencial, também poderiam receber a pecha negativa por leitores mais puristas e conservadores. Herbert Marcuse (1977) classifica como antiarte a mimese sem transformação, a cópia pura e simples do real. Não é isso, porém, o que ocorre com a autoficção. O autor autoficcional é capaz de mesclar empirismo e ficção, de modo a criar uma realidade outra, ultrapassando a realidade estabelecida. Se por um lado, apolineamente, o autor dá-se a conhecer, individuando-se no texto autoficcional, por outro, as incertezas acerca da veracidade das informações narradas aproximam-no do caos de Dioniso. Em uma palavra, o leitor, paradoxalmente, identifica passagens empíricas do autor no ambiente ficcional, mas é incapaz, apesar desse reconhecimento, de asseverar tratar-se, *ipso facto*, da realidade constituída, de uma não-ficção — ficção e realidade mesclam-se a tal ponto que, dionisiacamente, não se distinguem mais seus limites.

A respeito de um olhar mais severo sobre narrativas referenciais, talvez sejam as crônicas o gênero textual mais estigmatizado, por se tratar de uma escrita *datada*, para ser lida no calor da hora, sem um acabamento estético mais primoroso, além da forte presença do eu autoral, como ocorre também nos blogs. As diversas antologias de cronistas, porém, desmentem o veredicto.

Não apenas as crônicas, entretanto, eram mal vistas por causa do diálogo com acontecimentos empíricos. Para Luiz Costa Lima (1986), um texto, para ser considerado literatura, teria que ser ficcional, isto é, qualquer referencialidade o descredenciaria como um exemplar literário. Nessa direção, as autobiografias não seriam literatura, pois não seriam ficção. A meu ver, essa exigência de Costa Lima é demasiado hermética e engessa sobremaneira o que se constituiria literatura, haja vista, por exemplo, romances do quilate de *Em busca do tempo perdido*, de Proust, escrito a partir de suas reminiscências. Outro exemplo, entre inúmeros que eu poderia citar, é *Infância*, de Graciliano Ramos. Texto assumidamente memorialístico — portanto não ficcional, logo não literário, na visão de Costa Lima —, recebe um acabamento e um rigor estéticos dignos da pena ramosiana, a ponto de *confundir* estudiosos do gabarito de Antonio Candido (2006).

Crítico contundente do realismo, Gustavo Bernardo (2010, p. 15) também explicita seu argumento a favor da ficção:

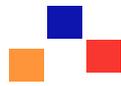


temos acesso ao real apenas através da mediação dos discursos; todo discurso elabora ficções aproximativas à realidade, portanto, todo discurso funda-se pela ficção; logo, todo discurso é ficcional.

Este silogismo, *a priori*, encerraria qualquer debate em torno da autoficção e também da realidade — inexistente —, pois esta só seria apreensível discursivamente e, por conseguinte, ficcionalizar-se-ia. A proposição de Gustavo Bernardo, confesso, é bastante tentadora, uma vez que a ficção apresenta mais verdade do que a própria verdade, mas para adentrar nessa seara eu precisaria encaminhar a discussão para um viés filosófico que foge ao propósito deste ensaio. Contudo, para não me esquivar do debate e do diálogo, menciono, *en passant*, que, se um narrador autoficcional diz que nasceu no dia 1º de abril e de fato o autor veio ao mundo nessa data, em alguma medida ele está dizendo a *verdade*, aqui entendida como um fato verificável e comprovável. Sim, mediada pelo discurso, mas ainda assim factual. Enfim, para encerrar esses concisos apontamentos, ratifico minha posição de que a autoficção deve ser conceituada num diálogo entre realidade e ficção. Não se trata, porém, de apontar o que é ou não realidade, visto que isso é impossível na autoficção e limitaria a leitura da obra, mas de compreendê-la à luz dessa interface. Penso que, mesmo que quiséssemos condenar a autoficção como um texto pobre literariamente, devido à referência constante à realidade autoral, e assim alijarmo-la das pesquisas acadêmicas e do olhar crítico que ela merece, incorreríamos num duplo equívoco: primeiro porque, como já dito, na autoficção a realidade não aparece *tout court*, mas de forma a problematizar o que vem a ser real e que sujeito nele se constitui e se *performatiza*, oferecendo uma realidade outra, estetizada; segundo porque perderíamos a chance de compreender, analítica e teoricamente, os meandros da literatura deste início de século.

A respeito da autoficção

Benjamin (1994), em “O autor como produtor”, assegura ser importante compreender o texto dentro de seu contexto de produção. Aliás, essa foi uma prática epistemológica do pensador alemão, que se dedicou a estudar as mudanças operadas nas artes no momento em que elas começaram a se reproduzir tecnicamente, esforçando-se por compreender as inovações no campo artístico na era de sua reprodutibilidade técnica, despido de purismos e de juízos de valor, mesmo porque “a obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida” (BENJAMIN, 1994, p. 171). Ele não estava preocupado, portanto, em tecer comparações qualitativas entre a arte que se reproduzia manualmente e a arte que se reproduzia tecnicamente, de maneira a privilegiar a primeira em nome da tradição, mas em estudar as particularidades desta última. Do mesmo modo que Benjamin refletiu sobre a arte a partir de suas alterações socioculturais, sem negá-la ou descredenciá-la, é mister fazermos o mesmo com a literatura que se pratica hoje. Assim, mais do que condenar a autoficção, vale o esforço de compreendê-la e responder por que razões o uso da primeira pessoa autoficcional é tão corrente em nossas letras neste século XXI.

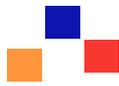


Pensar a autoficção, portanto, requer que a situemos na sociedade do espetáculo e na cultura de massas em que vivemos. Cada vez mais temos acesso à realidade e interesse por ela: a audiência de *reality* e *talk shows* é cada vez maior; a interação com pessoas conhecidas ou não, via redes sociais, é um fenômeno crescente e bastante popular na atualidade, denotando um voyeurismo e um exibicionismo flagrantes; as *webcams* dão voz e rosto a um interlocutor virtual, presentificando-o; a publicação de cartas, diários, entrevistas, (auto)biografias e autoficções tem se mostrado um nicho editorial lucrativo; os blogs, como diários virtuais, narram as banalidades da vida cotidiana, com maiores ou menores doses de ficcionalização de si. Enfim, aparentemente, a ficção vem sendo vilipendiada em nome da realidade. Por que o interesse pelo universo ficcional vem decaindo em favor da atenção pelo que é verificável?

Segundo Diana Klinger (2007, p.47, grifo do original), a autoficção implica «um questionamento das noções de *verdade* e de *sujeito*». Nesse sentido, tanto o interesse do público quanto o que lhe é oferecido para suprir essa demanda são ilusórios, pois o que se apresenta como verdade é construção discursiva — portanto, em certo sentido, igualmente ficcional — e o sujeito é performático — um *mito*, no final das contas. A autoficção poderia ser entendida, pois, como uma crítica a esse apelo ao real comum em nossos dias; uma crítica, enfim, ao narcisismo, exibicionismo e voyeurismo de nossa sociedade. Vários trabalhos sérios já discutiram mais amiúde essa avaliação, portanto proponho um novo viés investigativo, que partiria da hipótese de que a autoficção seria uma alternativa à crise da narrativa apontada por Benjamin (1994) em seu texto sobre a obra de Nikolai Leskov.

Em “O narrador”, Benjamin apresenta questões paradoxais, aporéticas e apocalípticas. Ao afirmar que “a arte de narrar está em vias de extinção” (1994, p. 197), o pensador alemão está, como sabemos, referindo-se à narrativa oral, ao intercâmbio de experiências e a todas as questões encerradas nesse quadro que, para não me alongar sobremaneira, deixarei por ora em suspenso. O que nos interessa, nessa afirmativa, é o fato de que, a despeito da previsão negativa e pessimista de Benjamin, cada vez mais narradores se fazem presentes em romances, contos, minicontos, novelas, diários e também em blogs, agora, porém, já em outro tempo e em outro contexto. Minha hipótese inicial é a de que as escritas em primeira pessoa na atualidade são uma maneira que os escritores encontraram para *driblar* a falta de experiências intercambiáveis apontada pelo pensador alemão. Jean Rhys, citada por Leonor Arfuch (2010, p. 236), afirma, em resposta à questão de por que escrever: “acho que escrevo sobre mim mesma porque é o único [assunto] que verdadeiramente conheço”. A recorrência à primeira pessoa não seria, pois, uma opção, mas, antes, uma falta de alternativa ou incapacidade de muitos autores contemporâneos.

Um leitor atento de Benjamin facilmente refutaria essa hipótese, uma vez que os romances dos séculos XIX e XX, anteriores à autoficção, já indiciavam a morte da narrativa — lembremos que o romancista segrega-se do contato com o mundo exterior e, no isolamento de sua atividade literária, não intercambia experiência alguma, sem, com isso, se autoficcionalizar. Contra esse argumento eu não teria saída. Sim, as narrativas



continuaram a ser narradas, apesar do romance e da informação, dois de seus algozes, segundo Benjamin. Porém, um contra-argumento possível é o de que o alemão não tem, apesar de sua importância, a última palavra sobre o narrador — e que ele trata, sobretudo, do narrador clássico, que não é o nosso caso.

Luís Inácio Oliveira (2008) rediscute e problematiza a teoria da narração de Benjamin. Segundo ele, as narrativas nos encaminhariam não mais para realidades, mas, sim, para *verdades ficcionais* ou *verdades poéticas*. Assim sendo, as narrativas nos remeteriam à verdade, mas como *revelação* e *figuração*. Em suas palavras,

nesse sentido, as *verdades poéticas* como que refiguram o real, revelando-o em suas dimensões latentes e insuspeitadas. Fundam um *outro* real. Definem, enfim, uma forma de conhecimento indireto, oblíquo, alusivo, baseado em similitudes, correspondências e associações, uma forma de conhecimento que não mais opõe e separa o sensível e o inteligível, mas os reúne numa experiência linguística intensiva de ampliação metafórica (OLIVEIRA, 2008, p. 38, grifo do original).

Mais do que distinguir realidade e ficção, entretanto, interessa-me saber como o sujeito autoficcional se comporta e se representa por uma nova tipologia de narrador que, a meu ver, carece de um estudo mais profundo.

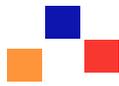
Ana Cláudia Viegas (2004) é outra pesquisadora que se deteve nas reflexões em torno do narrador. Para ela, sobre a produção literária contemporânea,

a novidade aqui pressentida se nutre justamente de uma reconfiguração das relações entre ficção e real. Neste caso, mais do que evidenciar 'o quanto é fictício o texto ficcional', a narrativa insiste em nos dar pistas a respeito da ficcionalidade do que aprendemos a chamar de mundo real (VIEGAS, 2004, p. 138).

A citação evidencia, mais uma vez, que a fronteira entre realidade e ficção permanece em questão e, seja de que modo nos posicionemos em relação a essa dualidade, não podemos ignorá-la. Em suma, para uma reflexão sobre o narrador autoficcional em nosso tempo, é imprescindível que repensemos em que termos sua subjetividade se apresenta textualmente.

Blogs: espaços autoficcionais

Muitos de nossos prosadores em atividade iniciaram suas carreiras literárias em blogs e ainda mantêm a prática blogueira concomitantemente à publicação impressa. Etimologicamente, *blog* é a junção dos termos *web* (página na internet) e *log* (diário de bordo), que em sua composição já aponta para uma explícita contradição. Os diários escritos em cadernos e/ou agendas, via de regra, encerravam em si segredos inconfessáveis a possíveis leitores, ao passo que os blogs são escritos na internet de modo a expor, para qualquer pessoa, suas idiosincrasias. Esta é, porém, uma incoerência apenas aparente, pois os textos em primeira pessoa não são mais reveladores de uma *verdade* biográfica capaz de



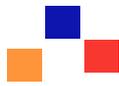
exibir alguma intimidade assaz comprometedora; as escritas de si da atualidade, em especial a autoficção, seja em blogs ou em livros, indiciam uma verdade outra, nem mais estritamente empírica, muito menos apenas ficcional, como já visto. Os textos que circulam na internet, normalmente, são escritos em uma primeira pessoa performática, que se constrói de modo a suscitar no leitor aquele desejo de conhecer a obra a partir do *eu* que se cria.

Para averiguar como essa autoficcionalização se dá, julgo mais pertinente recorrer a blogs de *anônimos*, uma vez que os escritores consagrados e devidamente editados possuem uma persona pública constituída — já são suficientemente midiaticizados. Importantes ensaístas, como Denilson Lopes (2012) e Silviano Santiago (2011), têm estudado a estética do comum. Este último, a respeito da obra de Lygia Clark, afirma que,

agora, o homem comum começa a chegar à posição de artista. Nunca o homem esteve tão perto de sua plenitude: ele não tem mais desculpas metafísicas. Não tem mais nada sobre o que possa projetar-se. Está livre da irresponsabilidade. Não pode mais nem mesmo negar-se como ser total. Já que nenhuma transferência é mais possível, resta-lhe viver o presente, a arte sem arte, como uma nova realidade (SANTIAGO, 2011, p. 27-8).

E, inversa e paradoxalmente, Silviano também afirma que o artista encaminha-se para o status de homem comum. Essa dialética já foi apontada por Walter Benjamin (1994) no momento em que o pensador dizia que os leitores, ao escreverem para os jornais, assumiam a posição também autoral. No que diz respeito aos blogs, cada vez mais é usual que diletantes amadores se valham desse meio de publicação para se autodenominarem autores, ao mesmo tempo em que os escritores, reconhecidos como tais, democraticamente utilizam o espaço virtual para escreverem. Josefina Ludmer (2002) contribuiu para a minha opção em analisar a subjetividade presente em narradores de *peessoas comuns* porque, segundo ela, para se entender a literatura canônica, é necessária uma leitura atenta do que ela chama dos “não-lidos”, invertendo e problematizando o cânone. Nesse sentido, considero que os textos autoficcionais de escritores consagrados não influenciaram os aspirantes a também praticar a autoficção, mas justo o inverso — a autoficcionalização é um tipo textual comum editorialmente porque teve sua gênese na internet, nos blogs, na sociedade do espetáculo.

É um tanto perturbador, a meu ver, o realismo estar intimamente relacionado à literatura atual, seja com o tema pitoresco da violência, seja com a autoficção. No caso da autoficção, o fato de os blogs servirem como uma nova ferramenta de prática e publicação textuais colabora para a relação intrínseca entre a exposição narcísica do sujeito contemporâneo e o nosso tempo de voyeurismo, exibicionismo, redes sociais. Denise Schittine (2004) aponta para a possibilidade de desdobramento temporal e subjetivo que a internet e os blogs permitem. No ambiente doméstico ou mesmo profissional, o indivíduo pode criar uma nova realidade, mais de acordo com suas vontades pessoais, e forjar ser o que não é, ou melhor, tem a possibilidade de, ao mesmo tempo em que executa suas atividades corriqueiras, obrigatórias e muitas vezes indesejadas, performar uma persona que mais se adegue aos seus gostos e às suas aspirações. Nas palavras da autora, “quando alguém se



senta em frente ao computador desdobra a sua realidade em duas: aquela na qual está inserido e a que irá criar para além da tela” (SCHITTINE, 2004, p. 34). É possível dizer qual das duas é a mais verdadeira, a mais *real*? Protegido pela tela, o indivíduo contemporâneo é capaz de fugir das máscaras sociais e se representar mais de acordo com sua vontade, com o seu eu, do que o faria na sua vida *real*, adentrando, assim, na autoficção?

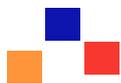
O sujeito que se dispõe a narrar hoje, mediante esse cenário, não é mais uno, inteiro, pleno (como se queria o de Rousseau, inaugurador da autobiografia, com suas *Confissões*), mas fragmentário, híbrido, indefinível, autoficcional. A meu ver, não há outro caminho a trilhar para conceituar narrador e subjetividade contemporâneos senão através de “conversações de uma cultura” (LUDMER, 2002, p. 13). Ou seja, é necessário que os autores-narradores dos blogs sejam lidos, levando-se em conta seu contexto sociocultural, pois só assim será possível “inventar novos sistemas de classificação dos sujeitos”, ainda de acordo com a crítica argentina Josefina Ludmer (2002, p. 42). Ora, se a subjetividade textual, em tempos internáuticos, se dá com a cisão temporal proposta por Schittine, nada mais natural que “a imediaticidade do ‘vivido’ se traduz[a] numa voz que *testemunha* algo que só ela conhece” (ARFUCH, 2010, p. 72, grifo do original). E naturalmente esse testemunho pode ser inverídico, falso, criação; enfim, (auto)ficção.

Para exemplificar questões em torno da subjetividade e do narrador contemporâneos, utilizarei dois blogs de uma mesma autora, ambos em primeira pessoa, mas que performatizam identidades diversas, ainda que, de certo modo, respaldadas pelo eu autoral. Se o leitor dos dois blogs desconhece que eles são escritos pela mesma pessoa, dificilmente consegue imaginar a coincidência, haja vista a diferença temática entre eles, o que corrobora a fragmentação do sujeito deste início de século.

Há que se notar que o primeiro dos blogs analisados é assinado por um pseudônimo, pois trata-se de um blog com teor erótico, e a blogueira, por pudicícia, receava que sua mãe e seu marido lessem suas fantasias. A contradição é interessante. Por um lado, é possível expor-se na internet para que qualquer indivíduo do planeta com acesso à rede mundial de computadores possa ler e bisbilhotar a *privacidade* alheia; por outro, o contato direto com as confissões de um eu autoficcional inviabiliza o desmascaramento de sua identidade civil, por assim dizer, que fica protegida e segura no seu recato. Esse paradoxo vai ao encontro da hipótese de Denise Schittine. É possível, atrás da tela do computador, criar uma nova identidade, mais verdadeira e mais de acordo com a essência do escritor. Neste ponto, poder-se-ia objetar que esse novo eu é mais verdadeiro porque ficcional, mas as inferências a vivências empíricas nos remetem, novamente, ao estatuto autoficcional. O segundo blog, ao contrário, não utiliza qualquer artifício de mascaramento, exceto, claro, o textual, pois o leitor não tem como saber o nível de sinceridade empregado pela blogueira.

No dia 31 de outubro de 2011, Mistake Girl, pseudônimo que dá título ao primeiro blog, escreve o seguinte post:

Eu, Mistake Girl, sou parte de um todo. Sendo o todo, esta pessoa integral que me dá alma. Mas dela sou a parte promíscua, sacana, volúvel, provocativa e reminiscente. Sou libertina. Sou terrível.



Escrevo sobre tudo e sobre ninguém. Eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também.

Sou mentirosa ou, no mínimo, imaginativa demais. Falo de coisas que existiram, de coisas que não existiram, de coisas que eu queria que tivessem existido, de pessoas reais, de pessoas imaginárias, em geral não me dirijo a ninguém especificamente e, o mais importante, sou um exercício literário! Movido por tesão, um tesão que excede, exacerba e transborda desta, de quem sou parte. Mas sempre, um exercício literário. A única coisa que justifica a minha existência é a minha liberdade de expressão. Liberdade total. Não me preocupam suscetibilidades, mal entendidos, julgamentos. Qualquer semelhança com a realidade, é mera coincidência. Ou não. Mas se eu não existo, como saber?

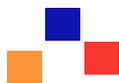
Não nos leve a sério, nem a mim, nem a você. Não creia, por nenhum minuto que esta ou aquela palavra, te pertencem. Não creia no meu afeto, porque *La donna è mobile* (Primeira Emenda).¹

Mistake girl — título do blog e nome da personagem-narradora — é bastante sugestivo. Sua apresentação nos remete à fragmentação do sujeito contemporâneo, pois, afirmando ser parte de um todo, escolhe dar a conhecer apenas “a parte promíscua, sacana, volúvel, provocativa e remanescente”, isto é, somos vários em um e podemos, a nosso bel-prazer, estender, *ad infinitum*, nossas personalidades, jogando com cada uma delas de acordo com nossas conveniências e da melhor maneira que nossa subjetividade permitir. Lembremos que o pseudônimo nasceu da necessidade de ocultar esse *eu* de sua mãe e seu marido, pessoas *reais* bastante íntimas, *a priori*.

O discurso, aqui, dá vazão ao desejo (in)consciente da autora, pois, através dele, ela «fal[a] de coisas que existiram, de coisas que não existiram, de coisas que [ela] queria que tivessem existido, de pessoas reais, de pessoas imaginárias”. Havendo ou não uma criação discursiva com premissas empíricas, fica claro para o leitor que seu post é, no final das contas, um “exercício literário”, uma ficção. Mas é o texto, paradoxalmente, que atribui ao status ficcional o prefixo (auto) que imiscui literatura e realidade, no sentido de que a narradora incute a dúvida no leitor de se tratar ou não de coincidência alguma possível semelhança com o empirismo. E, a meu ver, essa indecidibilidade é o que faz um texto autoficcional ter qualidade literária, pois referências diretas capazes de causar constrangimentos a personagens reais que reagem indo aos tribunais, principalmente na França, como apontou Luciana Hidalgo (2013), revelam a incapacidade de criação de uma verdade que transcenda a realidade estabelecida a partir da vivência autobiográfica. A autoficção reside no interstício, na dúvida, jamais na certeza.

Alguns meses após o post comentado acima, «Mamãe: aqui tá mais escuro!» foi escrito no dia 18 de abril de 2012. Neste, a blogueira problematiza a relação entre autoria e personagem, entre dona de um blog e narradora, entre indivíduo com registro civil e

¹ Disponível em: <https://mistakegirl.wordpress.com/2011/10/31/primeira-emenda/>. Acesso em: 30 jul. 2013.



seu alterego. Eis umas passagens bastante reveladoras da relação entre criador e criatura, de maneira a não mais se saber quem escreve:

Este blog nasceu sem maiores pretensões que as de constituir um espaço de escrita. Eu, a pessoa por trás da Mistake Girl, criei um personagem, e é ele quem tem um blog. Têm sido tantas as ponderações, interações e situações por tal espaço suscitadas, que a personagem e seus elementos hoje ocupam uma proporção surpreendente em minha vida (Mamãe: aqui tá mais escuro).²

No trecho acima, fica claro que a narradora abdica do ambiente ficcional *stricto sensu* para convidar a autora a dele participar, cedendo-lhe a condução da narrativa, ou melhor, narradora ficcional e autora *real* confundem-se em um exercício de autoficcionalização. Explicitamente, quem assume as rédeas da narrativa é “a pessoa por trás da Mistake Girl”, esta, sim, uma personagem, dona do blog. Mas como um blog poderia ser *propriedade* de um ser ficcional? À medida que o sujeito contemporâneo fragmenta-se em vários alteregos, em diversificadas subjetividades, hibridizando-se em múltiplas direções, distancia-se cada vez mais do sujeito autobiográfico de Rousseau — em crise porque não mais linear — para atingir a midiaticização própria da cultura imagética deste século, com distintas maneiras de se inventar, por diferentes discursos, formando um *espaço biográfico*, termo cunhado por Leonor Arfuch (2010). Desse modo, a personagem-narradora do blog, fruto, de certa forma, de uma autora cada vez mais caleidoscópica, preenche *uma proporção surpreendente* na vida da blogueira. A meu ver, isso se dá porque há um caminho de mão dupla na autoficção: sendo múltiplo, o sujeito contemporâneo possui *subjetividades*, que, do mesmo modo que criam identidades outras, as incorporam dialeticamente, como sugeriu Denise Schittine (2004). Assim, o blog não é nem da Mistake Girl nem de sua criadora, mas de ambas, posto que são uma só, podendo, como dito, propagar-se *ad infinitum* em subjetividades e *nabîme*.

Seguindo no mesmo post, a narradora-autora ou autora-narradora prossegue lamentando que a “pornografia seja mantida nas sombras” — manutenção que, de certa forma, recebeu seu aval — ou submissão —, haja vista a necessidade de criação de uma personagem de si própria para falar do assunto. Pouco à frente, ela diz:

[...] Tenho dois blogs. Um da criadora, um da criatura. O que aqui está, não está lá porque eu, criadora, não desejo que seja assim. E vice-versa. Aqui é o quarto, o boudoir da minha existência. Onde estão as ‘minhas coisas’. Eu sempre prezei muito meu quarto e minhas coisas. Aqui se jogam jogos de adultos. E que graça tem os jogos que se jogam às claras? Sexo não é uma partida de tênis. É uma mão de poker. De strip poker, de preferência (Mamãe: aqui tá mais escuro).³

2 Disponível em: <https://mistakegirl.wordpress.com/2012/04/18/mamae-aqui-ta-mais-escuro/>. Acesso em: 30 jul. 2013.

3 Disponível em: <https://mistakegirl.wordpress.com/2012/04/18/mamae-aqui-ta-mais-escuro/>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Talvez a primeira pergunta a se fazer seja quem é a criadora e quem é a criatura. A resposta mais óbvia, na minha opinião, afirma que ambas são tanto uma quanto outra. Em todo caso, há, para cada blog, um tema próprio para cada *eu* da autora. Seja qual for a primeira pessoa que se posiciona nesse post—o *eu* autoral ou o *eu* ficcional—, textualmente é no *Mistake Girl* que sua existência e suas coisas se encontram. Contudo, isso não significa que elas também não estejam em seu segundo blog, no qual sua subjetividade assume outra particularidade. Caminhamos pelo caos de Dioniso, sem certezas, afinal, “que graça têm os jogos que se jogam às claras?”, conforme indaga a narradora blogueira. Seu segundo blog, no entanto, apesar de não estar mascarado por um pseudônimo, é igualmente dionisíaco, igualmente autoficcional. Uma rápida comparação entre seus dois blogs evidencia o pacto autoficcional, nos termos de Luciene Azevedo (2007).

O outro blog, intitulado *Beetlejuice! Beetlejuice! Beetlejuice!!!*, é uma referência ao filme de Tim Burton, *Os fantasmas se divertem*. Talvez pudéssemos, a partir da alusão acima, apontar para o que Ana Cláudia Viegas (2006, p. 21-2) denomina de “pacto fantasmático”, “cujo contrato de leitura não promete a revelação de verdades, mas o desdobramento do autor em diversos personagens”. Parece ser isso o que acontece nos dois blogs analisados e com a subjetividade contemporânea, se os situarmos no espaço biográfico postulado por Leonor Arfuch (2010), uma vez que a construção da identidade autoral deve obedecer ao mosaico de aparições que fragmentam o sujeito, inviabilizando uma única *verdade*. Neste segundo blog, sabemos que o nome da autora é Flávia, apenas porque é o nome que consta no *browser* para acessar o diário virtual. Nenhuma outra informação há que a *identifique*. Mas, nesta clara referência a fantasmas, a blogueira não se preocupava com anonimato, sua mãe e marido poderiam ler, sem sobressaltos, seu *eu* — sua essência e suas coisas estavam no *Mistake Girl*, recordemos. A tela do computador, enfim, abre caminhos para a criação de uma personalidade recalcada em suas atividades corriqueiras e possibilita, ainda que no universo (auto)ficcional, a vivência de uma *realidade* reprimida.

Beetlejuice! Beetlejuice! Beetlejuice!!! começou a ser escrito em 2010 como um diário de bordo de uma viagem profissional à Itália. No dia 19 de janeiro daquele ano, a autora inicia a escrita do blog com o seguinte post, intitulado «Saudações (de mim para minha pessoa!)»:

Ok. Não aguento mais perder TUDO por causa de intempéries. Fotos que mofam. Textos e mais textos que se vão emagadês formatados, pendrives queimados. Memória escassa. Seja lá o que for, agora vai ficar guardado aqui. É pra ser um espaço meu. Se você está lendo isso e não sou eu, com certeza me pediu o endereço. Não imagino porque tenha feito isso. É uma tortura tentar entender a viagem alheia. Mas se está aqui, fica, né? (Saudações (de mim para a minha pessoa!)).⁴

4 Disponível em: <http://flagflavia.blogspot.com.br/2010/01/saudacoes-de-mim-para-minha-pessoa.html>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Textualmente, ela diz se tratar de “um espaço meu», em uma conversa entre si e sua pessoa. A intenção inicial aparenta ser preservar o presente de qualquer sorte de imprevistos. A escritora e também blogueira Cecília Giannetti já declarou que os blogs “não têm pósteros, têm contemporâneos” (apud VIEGAS, 2008, p. 142). É a memória do presente, ao que parece, que vem sendo preservada nos blogs. Dito de outro modo, trata-se de lembrar, num tempo presente, o próprio presente. É como se o sujeito contemporâneo não soubesse mais de onde veio – pois perdera a tradição – e, por outro lado, ignorasse para onde vai. Resta-lhe apenas o “aqui e agora”, que necessita ser preservado. Em uma viagem à Itália, o mais usual é que o registro mnemônico se desse via fotografias, recurso imagético que assegura e legitima a presença e a visitação em dado local. No entanto, a autora refere-se às fotos e à tecnologia que as armazena como “memória escassa”; nem mesmo os textos escapariam dos contratempos ocasionados por pen-drives; portanto, para preservar o presente, o blog seria a melhor opção. A leitura, porém, restringe-se a pessoas que receberam o endereço eletrônico após o solicitarem, por motivo desconhecido pela blogueira, mas que nos lembra do voyeurismo e do exibicionismo próprio de nossa época. Afinal, se o espaço é *meu* — e *íntimo* —, por que compartilhá-lo com outrem? Porque o pronome possessivo refere-se a uma primeira pessoa autoficcional.

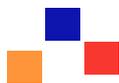
Este segundo blog não é restrito à viagem de sua autora e continua recebendo atualizações periódicas. Mas, ainda em 2010, no dia 23 de janeiro, a criadora (?) escreve um post intitulado “Cenas de Natureza Sexual”. Em apenas uma linha, lemos: “Foi o filme de hoje. Inglês, de 2006, de Ed Bloom. Achei distraído...” (Cenas de Natureza Sexual).⁵ Cindindo-se em duas, Flávia (seria este realmente seu nome?) permite-se, sob a máscara de uma Mistake Girl, fantasiar o quanto quiser, liberdade censurada em seu blog erótico. Naquele, no dia 29 de maio de 2012, o pseudônimo escreve utilizar-se de “um espaço fundamental, por ser lugar de confissão, de exercício de reflexão e sexualidade, e, por que não dizer? de minha subjetividade” (Círculos).⁶ De quem é esta subjetividade, afinal? Da Mistake Girl, da Flávia, ou de ambas? Ou cada uma teria a sua própria manifestação subjetiva, como os heterônimos de Fernando Pessoa?

No blog em que *fantasmas se divertem*, mais de um eu, portanto mais de uma subjetividade, se performatiza ao longo dos anos em que está na internet o diário virtual. É fácil compreender por que: porque realidades são criadas discursiva e fragmentariamente. Nas palavras de Mistake Girl: “Heráclito de Éfeso já postulava que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. Eu sou outra, sempre. As águas do rio são outras. A vida se movimentou” (Círculos).⁷ É possível uma aproximação entre vida e narrativa, pois somente esta cria aquela, seja na autobiografia ou na autoficção. O leitor não terá acesso às vivências empíricas da blogueira, mas tão-somente àquilo que por ela for narrado. Em Beetlejuice!

5 Disponível em: <http://flagflavia.blogspot.com.br/2010/01/cenas-de-natureza-sexual.html>. Acesso em: 30 jul. 2013.

6 Disponível em: <https://mistakegirl.wordpress.com/2012/05/29/circulos/>. Acesso em: 30 jul. 2013.

7 Disponível em: <https://mistakegirl.wordpress.com/2012/05/29/circulos/>. Acesso em 30 jul. 2013.



Beetlejuice! Beetlejuice!!!, no dia 30 de novembro do mesmo ano, a narradora autoficcional dizia: “apaixonava-me eu, por tais coisas, como palavras” (Do dito e o não dito).⁸ É via discurso, enfim, que o sujeito se cria concomitantemente à narrativa, do mesmo modo que o *eu* se forma diante de um psicanalista. De acordo com Diana Klinger (2007, p. 51-2, grifo do original), “o sentido de uma vida não se *descobre* e depois se narra, mas se *constrói* na própria narração: o sujeito da psicanálise *cria* uma *ficção de si*. E essa ficção não é verdadeira nem falsa, é apenas a ficção que o sujeito cria para si próprio”. Pode-se dizer que cada sessão psicanalítica corresponderia a uma atualização do blog, na qual os relatos de si, por mais fragmentários que sejam, ajudam na *invenção de si*. O seguinte texto do blog assinado por Flávia, datado de 2 de setembro de 2013, diz o seguinte, nessa direção:

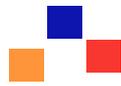
Constrange-me que sejam as minhas, questões humanas.
Tão humanas.
Demasiado humanas.
Tenho vergonha do analista, pelo banal de mim.⁹

Só é possível uma leitura autoficcional com a participação do leitor, que deve aceitar o pacto de leitura proposto, caso contrário sua leitura será imanente, sem quaisquer referências autobiográficas. Seria esse leitor um analista, que envergonha a blogueira? Por que se intimidaria se as *verdades* escritas são *(auto)ficcionais*? Seria essa uma explicitação da crítica ao voyeurismo da nossa sociedade, cuja vergonha se dá pelo interesse que o *outro* demonstra pela banalidade de uma pessoa comum? Se a autoficção realmente visa criticar a visibilidade da primeira pessoa na atualidade, seja em *reality shows*, redes sociais, blogs ou literatura impressa e em formação de um novo cânone, isso se daria através de um narrador, distante daquele apontado por Benjamin (1994) e presente na tradição oral, e afastado em igual medida do narrador pós-moderno pensado pelo benjaminiano Silviano Santiago (2002). Para Silviano, este último narrador também passa uma sabedoria, mas adquirida pela observação da experiência alheia — seria ele um narrador-repórter. Nos blogs — bem como na autoficção editada e impressa —, o narrador não é um simples observador; ele narra suas próprias vivências, mas agora estetizadas — talvez venha daí algum ensinamento, alguma sabedoria a ser transmitida. Nesse sentido, seria uma opção do escritor deste século, não uma falta de alternativa ou incapacidade como hipoteticamente levantado no início deste ensaio.

Para finalizar estes breves direcionamentos, reforço a necessidade de um estudo mais sistemático sobre os narradores autoficcionais e a autoficção como um todo. Muitos pesquisadores sérios já contribuíram com o tema, produzindo teses, artigos e ensaios intelectualmente irretocáveis, mas estou convicto de que ainda há muito a dizer, teórico-filosoficamente, acerca do narrador autoficcional.

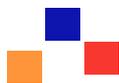
8 Disponível em: <http://flagflavia.blogspot.com.br/2012/11/do-dito-e-o-nao-dito.html>. Acesso em: 30 jul.2013.

9 Disponível em: <http://flagflavia.blogspot.com.br/2013/09/constrange-me-que-sejam-as-minhas.html>. Acesso em: 30 jul. 2013.



Referências

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- AZEVEDO, Luciene. **Blogs**: a escrita de si na rede dos textos. **Matraga**, Rio de Janeiro, ano 14, n.21, p. 44-55, jul./dez. 2007.
- BARTHES, Roland. A morte do autor In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo/ Campinas: Brasiliense/ Ed. da Unicamp, 1988.
- _____. Da obra ao texto In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo/ Campinas: Brasiliense/ Ed. da Unicamp, 1988.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; vol. I).
- BERNARDO, Gustavo. **O livro da metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2007.
- FOSTER, Hal. **The return of the real**. Cambridge, London: The MIT Press, 1996.
- HIDALGO, Luciana. A autoficção nos tribunais. In: **Época**. Blog da Ruth. Disponível em: http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/ruth-de-aquino/noticia/2013/08/autoficcao-nostribunais.html?fb_action_ids=4756667249248&fb_action_types=og.likes&fb_source=909&action_object_map=%7B%224756667249248%22%3A643620938994958%7D&action_type_map=%7B%224756667249248%22%3A%22og.likes%22%7D&action_ref_map=%5B%5D. Acesso em: 17 ago. 2013.
- KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LIMA, Luiz Costa. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: _____. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- LOPES, Denilson. **No coração do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- LUDMER, Josefina. **O corpo do delito**: um manual. Tradução de Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Tradução de Maria Elisabete Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- OLIVEIRA, Bruno Lima. **A autoficção no campo da escrita de si: a construção do mito do escritor em Nove noites, de Bernardo Carvalho, e outros procedimentos autoficcionais na prosa brasileira contemporânea**. 2010. 107f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.



OLIVEIRA, Luís Inácio. **Do canto e do silêncio das sereias**: um ensaio à luz da teoria da narração de Walter Benjamin. São Paulo: Educ, 2008.

SANTIAGO, Silviano. "Sentimento da vida, sentimento do mundo". Princeton, 2011 (Mimeo).

_____. O narrador pós-moderno. In: _____. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

STIERLE, Karlheinz. **A ficção**. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés, 2006.

VIEGAS, Ana Cláudia. Experiência e espetáculo na escrita de si contemporânea. In: CHIARA, Ana; ROCHA, Fátima Cristina Dias (Org.). **Literatura brasileira em foco**: o eu e suas figurações. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2008, p. 137-149.

_____. O "retorno do autor": relatos de e sobre escritores contemporâneos. In: VALLADARES, Henriqueta do Coutto Prado (Org.). **Paisagens ficcionais**: perspectivas entre o eu e o outro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

_____. A "invenção de si" na escrita contemporânea In: JOBIM, José Luís; PELOSO, Silvano (Org.). **Identidade e literatura**. Rio de Janeiro: Casa Doze Edições; Instituto de Letras da UERJ; Roma: Universidade de Roma La Sapienza, 2006. p. 11-24.

_____. Ficção e realidade na literatura brasileira contemporânea: fronteiras. **Gragoatá**, Niterói, v. 9, n. 16, p. 133-42, jan./jun. 2004.

Blogs:

Beetlejuice! Beetlejuice! Beetlejuice!!!! Disponível em: <http://flagflavia.blogspot.com.br/>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Mistake Girl. Disponível em: <http://mistakegirl.wordpress.com/>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Recebido em 20/02/2015

Aceito em 05/08/2015

Bruno Lima Oliveira

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal Fluminense (1998), especialização (2007) e mestrado (2010) em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é doutorando em Literatura Comparada pela mesma universidade, com bolsa de pesquisa FAPERJ. É autor de *Pretérito Imperfeito* (poesia) e de *Eu: itinerário para a autoficção* (crítica literária), entre outras publicações acadêmicas. E-mail: brunolima74@gmail.com